

DIAGNÓSTICO PRECOCE DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: PERCEPÇÃO DAS MÃES

Clarissa Maria Marques Ogeda¹
Maria Júlia da Silva²
Nicole Viana Abreu³
Rhaiany Gomes Santana Santos⁴
Yasmin Moreira Vieira de Souza⁵

Resumo: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido amplamente estudado e redefinido ao longo dos anos, com impacto direto na compreensão e no diagnóstico. O diagnóstico atual é baseado em déficits na comunicação e interação social, além da presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento. A identificação precoce dos sinais é fundamental, e a família desempenha um papel essencial nesse processo. No entanto, a aceitação do diagnóstico pode ser desafiadora, exigindo adaptações na rotina e busca por atendimentos especializados. Esta pesquisa investigou as percepções maternas sobre os primeiros sinais do transtorno observados em seus filhos, bem como as mudanças na dinâmica familiar após o diagnóstico. Foram participantes 12 mães de estudantes com TEA. A análise qualitativa dos dados revelou categorias como atrasos na fala, dificuldades na interação social, comportamentos repetitivos, hipersensibilidade sensorial e seletividade alimentar. Os resultados evidenciaram que todas as mães relataram hiperfoco nos filhos e que os sinais precoces mais mencionados incluíram dificuldades na comunicação e interação social, além de comportamentos específicos como andar na ponta dos pés e evitar contato visual. Os achados reforçam a importância da disseminação de informações sobre o transtorno, do fortalecimento das redes de apoio e da

¹ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Campus de Marília/SP. clarissa.ogeda@unesp.br. <http://lattes.cnpq.br/7023671702044489>. <https://orcid.org/0000-0002-2293-8388>.

² Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Campus de Marília/SP. maria-julia.silva@unesp.br. <http://lattes.cnpq.br/8661001088649335>.

³ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Campus de Marília/SP. nicole.v.abreu@unesp.br. <http://lattes.cnpq.br/7617252965254773>. <https://orcid.org/0009-0001-5630-0892>.

⁴ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP, Campus de Marília/SP. rhaiany.gomes@unesp.br. <https://lattes.cnpq.br/3703191960348019>. <https://orcid.org/0009-0007-3119-7116>.

⁵ Bacharel em Direito pela Universidade de Sorocaba (UNISO). Especialização em Ciências Criminais pela UNIBR, Faculdade São Vicente. yasminmoreiravieira@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/8661001088649335>. <https://orcid.org/0009-0008-8854-8586>.

ampliação de políticas públicas. Além disso, destaca-se a necessidade de novos estudos que aprofundem a compreensão das experiências familiares, contribuindo para estratégias mais eficazes de acolhimento e intervenção para crianças com o diagnóstico.

Palavras-chave: diagnóstico precoce; educação especial; percepção das mães; transtorno do espectro autista.

Área Temática: Educação Especial.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido objeto de estudo e redefinição ao longo das décadas, que influenciaram diretamente a inclusão do TEA no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-III (Brasil, 1980), classificando-o como um Transtorno do Desenvolvimento. Com a publicação do DSM-5 (APA, 2014), o diagnóstico do TEA passou a ser definido por dois critérios fundamentais: déficits persistentes na comunicação e interação social em múltiplos contextos e a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. Além disso, a categorização dos níveis de suporte essenciais para pessoas com TEA foi estabelecida em três graus, indicando a necessidade de suporte leve, substancial ou muito substancial (Marielle *et al.*, 2022).

Diante dessa ampla variabilidade de manifestações do TEA, a família tem um papel central na identificação dos primeiros sinais do transtorno e na adaptação da rotina diante do diagnóstico. O contexto familiar é essencial para o desenvolvimento do estudante, sendo que as expectativas dos pais, muitas vezes idealizadas antes do nascimento, podem gerar um processo de aceitação complexo e repleto de desafios (Silva; Chaves, 2014). A necessidade de reestruturação da rotina, de adaptações no dia a dia e de busca por atendimentos especializados são aspectos que impactam diretamente a dinâmica familiar (Dessen; Costa Junior, 2008).

OBJETIVO

Neste contexto, essa pesquisa objetivou investigar as percepções maternas sobre os primeiros sinais do TEA observados em seus filhos, bem como as mudanças na rotina familiar após o diagnóstico, destacando os desafios e adaptações vivenciados

METODOLOGIA

O instrumento de coleta de dados foi um questionário elaborado com base na literatura sobre TEA e discutido no curso de Pedagogia, na disciplina "Fundamentos da Educação Inclusiva" na Unesp de Marília. Após essa discussão, a versão final contendo 16 questões abertas foi elaborada. Quanto aos cuidados éticos, foi utilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinado eletronicamente. A coleta de dados foi realizada por meio de um formulário online no *Google Forms*, compartilhado pelas redes sociais das autoras (*Whatsapp* e *Instagram*).

Os dados foram analisados qualitativamente por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2016), permitindo uma investigação aprofundada das questões subjetivas apresentadas pelos participantes. Inicialmente, foi realizada a pré-análise das transcrições das entrevistas, constituindo o *corpus* da pesquisa, seguido da identificação e organização dos temas em categorias temáticas. Bardin (2016) ressalta a importância da categorização para a simplificação da representação dos dados brutos, sendo este processo conduzido com base em critérios como exclusão mútua, homogeneidade, pertinência, objetividade, fidelidade e produtividade.

Para fins de análise e discussão dos dados, foram selecionados os excertos de fala mais significativos, com a finalidade de ilustrar as categorias.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação ao nível de suporte, quatro sujeitos foram identificados como autistas com nível de suporte 1 (M3, M5, M6 e M11), quatro como nível 2 (M2, M4, M8 e M12) e quatro como nível 3 de suporte (M1, M7, M9 e M10), sendo que um participante apresentava paralisia cerebral como comorbidade (M10).

Dez sujeitos foram identificados com menos de cinco anos, um com doze anos e um na fase adulta, aos 22 anos que inicialmente foi diagnosticado com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) aos seis anos. Todas as mães relataram a presença de hiperfoco nos filhos, com temáticas variadas como carros, logotipos, futebol, desenhos infantis específicos, mangás, dinossauros, balões, filmes e vídeos.

Com relação aos sinais precoces, as categorias elencadas para análise foram oito: "Aspectos verbais", "Aspectos visuais", "Aspectos comportamentais", "Rigidez cognitiva", "Aspectos sociais", "Aspectos motores", "Seletividade alimentar" e "Hipersensibilidade sensorial".

Seis mães relataram "Aspectos verbais" (M1, M2, M5, M8, M9 e M12), com excertos como: "Não era verbal" (M2) e "Atraso de fala/linguagem [...]" (M12). Walter (2007) relata que 70 a 80% dos indivíduos com TEA não

demonstram qualquer tipo de comunicação verbal ou fala com funções comunicativas.

Três mães relataram “Aspectos visuais” (M3, M4 e M8), com excertos como: “Falta de contato visual” (M4) e “Não fazia contato visual [...]” (M8). Lima (2023) observa que a falta de contato visual é comum no TEA, sendo necessário estimular esse contato de forma respeitosa e adequada.

Sete mães relataram “Aspectos comportamentais” (M1, M2, M5, M6, M7, M9 e M11), com trechos como: “[...] pulava e balançava as mãos quando assistia desenhos” (M9) e “[...] adorava virar a bicicleta de ponta cabeça e ficava girando por horas a roda” (M11). Farmer *et al.* (2015) destaca que problemas comportamentais podem dificultar a integração social desses indivíduos.

No que diz respeito aos “Aspectos sociais”, duas mães (M3 e M4) relataram falta de interação social. Meneses e Silva (2020) aponta que dificuldades na linguagem podem comprometer a interação social de crianças com TEA.

Três mães (M11, M5 e M7) mencionaram “Aspectos motores”, como andar na ponta dos pés ou atraso na aquisição da marcha. Soares e Cavalcante Neto (2015) indicam que indivíduos com TEA podem apresentar alterações motoras influenciadas por fatores ambientais e biológicos.

Quatro mães (M1, M5, M9 e M10) relataram “Hipersensibilidade sensorial”, destacando sensibilidades a sons altos e outros estímulos. Sena e Barros (2023) apontam que a hipersensibilidade é comum em crianças com TEA e pode impactar significativamente sua qualidade de vida.

Duas mães (M3 e M10) mencionaram “Rigidez cognitiva”, caracterizada pela inflexibilidade do pensamento e dificuldade de adaptação a novos cenários (Gaia; Freitas, 2022).

Cinco mães relataram “Seletividade alimentar” (M1, M3, M4, M5 e M7), com dificuldades relacionadas à textura, cor e cheiro dos alimentos. Campello *et al.* (2021) destacam a necessidade de estratégias multidisciplinares para minimizar deficiências nutricionais nesses casos.

Os resultados apresentados reforçam a importância do diagnóstico precoce e do acompanhamento especializado para garantir qualidade de vida e otimizar o desenvolvimento dos estudantes com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa reforça a relevância da identificação precoce do TEA e do suporte adequado às famílias no enfrentamento dos desafios decorrentes do diagnóstico. Os resultados indicam que as mães desempenham um papel essencial na percepção dos primeiros sinais do transtorno, evidenciando aspectos como atrasos na fala, dificuldades na interação social, comportamentos

repetitivos e seletividade alimentar. Esses achados corroboram estudos anteriores, que destacam a importância do olhar atento dos familiares no reconhecimento precoce das manifestações do TEA.

Diante disso, destaca-se a importância da disseminação de informações sobre o transtorno, do fortalecimento das redes de apoio e da ampliação de políticas públicas, além da sensibilização da sociedade e dos profissionais da Saúde e Educação para a identificação precoce e o suporte multidisciplinar, fundamentais para o desenvolvimento desses estudantes. Ademais, a pesquisa evidencia a necessidade de novos estudos que aprofundem a compreensão das experiências familiares diante do diagnóstico, contribuindo para o aprimoramento das estratégias de acolhimento e intervenção.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-III)*. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://institutopebioetica.com.br/anual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2025.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (DSM-V)*. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <https://institutopebioetica.com.br/anual-diagnostico-e-estatistico-de-transtornos-mentais-dsm-5.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2025

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 2016.

CAMPELLO, E. C. M. *et al.* Seletividade alimentar em crianças diagnosticadas com autismo e síndrome de Asperger nos tempos atuais: Uma revisão integrativa. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, v. 7, n. 11, p. 713–727, 2021. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/3101>. Acesso em: 25 mar. 2025.

DESSEN, M. A.; COSTA, Jr., Á. L. (orgs.). *A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras*. Porto Alegre, RS: Artmed. 278p, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/31467413/Livro_A_Ciencia_do_Developmento_Humano. Acesso em: 23 mar. 2025.

FARMER, C. *et al.* Aggression in children with autism spectrum disorders and a clinic-referred comparison group. *Autism*, v. 19, n. 3, p. 281-291, 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24497627/>. Acesso em: 25 mar. 2025.

GAIA, B. L. S; FREITAS, F. G. B. Atuação da fisioterapia em crianças com transtorno do espectro autista (TEA): uma revisão da literatura. *Diálogos em Saúde*, v. 5, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.iesp.edu.br/dialogosemsaude/article/view/522>. Acesso em: 24 mar. 2025.

LIMA, S. A. F. *Design e autismo: diretrizes projetuais de mobiliário voltado para atendimento de crianças com TEA*. Campina Grande, 2023. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia, 2023. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/34806>. Acesso em: 24 mar. 2025.

MARIELLE, F. N. A. *et al.* Autismo, níveis e suas limitações: uma revisão integrativa da literatura. *PhD Scientific review*, v. 2, n. 5, p. 8-20, 2022. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.56238/phdsv2n5-002>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SENA, B. U.; BARROS, T. S. Hipersensibilidade em crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *Revista Foco*, v. 16, n. 11, p. 3502-3502, 2023. Disponível em: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/3502>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SILVA, R. S.; CHAVES, E. F. Autismo, reações e consequências nas relações familiares. *Revista de Psicologia*, v. 17, n. 26, p. 35-45, 2014. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Autismo%2C-rea%C3%A7%C3%B5es-e-consequ%C3%A2ncias-nas-rela%C3%A7%C3%B5es-Silva-Chaves/644dd0f68a6317bc13ad0e240744be4d14d26dcf>. Acesso em: 25 mar. 2025.

MENESES E SILVA, E. A. Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a linguagem: a importância de desenvolver a comunicação. *Revista Psicologia & Saberes*, v. 9, n. 18, p. 174–188, 2020. Disponível em: <https://cesmac.emnuvens.com.br/psicologia/article/view/122>. Acesso em: 25 mar. 2025.

SOARES, A. M.; CAVALCANTE NETO, J. L. Avaliação do comportamento motor em crianças com Transtorno do Espectro do Autismo: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira Educação Especial*, v. 21, n. 3, p. 445-458, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-65382115000300010>. Acesso em: 25 mar. 2025.

TEIXEIRA, A. V. B. *Resiliência e stresse em pais de crianças com perturbações do espectro do autismo*. 2014, 62 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da



Educação) Universidade do Algarve, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Faro, 2014. Disponível em: <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/7736/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o.pdf> . Acesso em: 25 mar. 2025.

WALTER, C. *Avaliação de um programa de comunicação alternativa e ampliada aplicado por mães de adolescentes com autismo*. 2007. 110f. Tese (Doutorado em Educação Especial). Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos. 2007. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/SCAR_032da57cc32ca00e59db2d86e45e3f43. Acesso em: 25 mar. 2025